

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KARINA PAIVA ROCHA

**PROFESSORA CANTANTE, ARTISTA MULHER: UM DIÁLOGO
ENTRE FEMINISMO, MÚSICA E EDUCAÇÃO**

**Sorocaba
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

KARINA PAIVA ROCHA

PROFESSORA CANTANTE, ARTISTA MULHER: UM DIÁLOGO
ENTRE FEMINISMO, MÚSICA E EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi.

Sorocaba
2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

KARINA PAIVA ROCHA

PROFESSORA CANTANTE, ARTISTA MULHER: UM DIÁLOGO ENTRE FEMINISMO,
MÚSICA E EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título/grau de licenciada em Pedagogia.

Sorocaba, 03 de Abril de 2019.



Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi
Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba
Orientadora



Prof^a. Dr^a. Viviane Melo de Mendonça
Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba
Examinadora



Prof^a. Ms. Rebeca Pereira Batalim Rala
Autônoma
Examinadora



Prof^a. Ms. Mayris de Paula Silva
Universidade Estadual de Campinas
Examinadora

DEDICATÓRIA

À minha família, grande e querida, em especial, Salvador Venâncio, Gislaine e Rodolfo.

AGRADECIMENTOS

À família que tanto amo, com quem aprendo todos os dias a jamais desistir;

Aos amigos queridos que o curso me proporcionou conhecer;

Aos professores inesquecíveis que compartilharam seus ensinamentos, que tive a honra de conviver;

À minha orientadora, professora Lucia, inspiração pela mulher que é, pela dedicação e apoio para este trabalho tomar a forma que tomou;

À Coordenação em especial, agradeço fortemente ao secretário do curso de Pedagogia, Celso Pessôa, pela grande dedicação ao trabalho, respeito por todas e todos, atenção e carinho;

À UFSCar, por me permitir a realização deste sonho, depois de tanto tempo e tanta luta.

À vida!

TOCANDO EM FRENTE

Almir Sater

*Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais*

*Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Ou nada sei*

*Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs*

*É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir*

*Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente*

*Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou*

*Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs*

*É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir*

*Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora*

*Um dia a gente chega
E no outro vai embora*

*Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz*

*Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs*

*É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir*

*Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais*

*Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz*

RESUMO

ROCHA, Karina Paiva. Professora cantante, artista mulher: um diálogo entre feminismo, música e educação. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2019.

A presente pesquisa teve por objetivo compreender o projeto chamado *Girls Rock Camp* Brasil, que é um acampamento desenvolvido com meninas entre 7 e 17 anos na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, conhecendo suas contribuições para a educação de meninas. O interesse por esta temática nasceu do interesse da autora, enquanto estudante de Pedagogia e cantora, em realizar interfaces entre os campos da Educação e da Música, tendo a cultura do feminismo como ideia que permeia ambos, com valores de igualdade e respeito. Tendo em vista que trata-se de uma pesquisa bibliográfica abordando a educação não formal, a música e o feminismo, sua fundamentação teórica procurou dar conta destes assuntos e teve como principais autores: Silva e Costa (2018), Alves e Pitanguy (1981), Beck e Guizzo (2003) e Brandão (1981) para compreender o feminismo; Perosa (2006), Sapaterra (2012), Pimenta e França (2013) e Uriarte (2004), para compreender como se deu a educação de meninas e o papel da música no contexto brasileiro e, para pensar sobre a contribuição da música na transformação da sociedade, incluindo no feminismo e na emancipação feminina, são utilizados Vanda Bellard Freire (2010), Borges e Paz (2015), Sossmeier e Parizotto (2013), Saraiva (2013), Martins (2013), Araújo e Monastérios (2011), Gelain e Amaral (2017), Ribeiro et al. (2012), Facchini (2011). Os resultados revelam que o acampamento promove um campo para reflexão e transformação das meninas, possibilitando um fortalecimento de sua autoestima, empoderamento, bem como maior união entre as mesmas. Além disso, observou-se que o acampamento contribui com o ambiente escolar onde elas estão inseridas, por colaborar com ideias de rompimento da cultura do sexismo e encorajando o respeito mútuo entre meninos e meninas.

Palavras-chave: Educação não formal; música; feminismo.

ABSTRACT

ROCHA, Karina Paiva. Singing teacher, female artist: a dialogue between feminism, music and education. 2019. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2019.

This research aimed to understand the project called Girls Rock Camp Brasil, which is a camp developed with girls between 7 and 17 years old in the city of Sorocaba, in the interior of São Paulo, knowing its contributions to the education of girls. The interest in this theme was born from the author's interest, as a Pedagogy student and singer, in creating interfaces between the fields of Education and Music, having the culture of feminism as an idea that permeates both, with values of equality and respect. Considering that the research addresses bibliographic analysis of non-formal education, music and feminism, its theoretical foundation sought to handle these matters. It had as main authors: Silva e Costa (2018), Alves e Pitanguy (1981), Beck e Guizzo (2003) and Brandão (1981) to understand feminism; Perosa (2006), Sapaterra (2012), Pimenta e França (2013) and Uriarte (2004) to understand how the education of girls happened and the music's role in the Brazilian context; lastly, for reflecting about the music's contribution to the transformation of society, including to feminism and to female emancipation, Vanda Bellard Freire (2010), Borges e Paz (2015), Sossmeier e Parizotto (2013), Saraiva (2013), Martins (2013), Araújo e Monastérios (2011), Gelain e Amaral (2017), Ribeiro et al. (2012) and Facchini (2011) were used. The results confirm that the camping promotes a field for reflection and transformation of the girls, allowing a fortification of their self-esteem, empowerment, as well as a greater union between them. In addition, it reveals that the camping helps the school environment where the girls are inserted, by collaborating with ideas of breaking the culture of sexism and encouraging mutual respect between boys and girls.

Key words: Non-formal education; Music; Feminism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Scielo- Scientific Eletronic Library Online.....	22
Tabela 2- SIBI- Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo.....	24
Tabela 3- Periódicos CAPES/ MEC	26
Tabela 4- SBU- Sistema de Biblioteca da UNICAMP.....	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MPB- Música Popular Brasileira

ONG- Organização Não Governamental

GRC – Girls Rock Camp

EUA- Estados Unidos da América

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

R&B- Rhythm and blues

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. CAPÍTULO I. MEMORIAL: COMO A ARTISTA MULHER ENCONTRA A PROFESSORA CANTANTE. ISSO É POSSÍVEL?.....	15
3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA: AFINANDO AS NOTAS DO CAMINHO.....	21
4. CAPÍTULO III. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: ARTISTA MULHER E PROFESSORA CANTANTE EM BUSCA DE INSTRUMENTOS.....	31
4.1 Onde estará o feminismo? Educação não formal, empoderamento e emancipação feminina.....	31
4.2 Educação de meninas para quem? Para que?.....	40
4.3 Música e educação: que relação é esta?.....	41
4.4 GIRLS ROCK CAMP: música para a emancipação feminina.....	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1. INTRODUÇÃO

O que motivou o nascimento dessa pesquisa foi a necessidade que encontrei de entrelaçar duas atmosferas que se fazem muito presentes em minha vida: a educação e a música. No momento, sustento-me apenas com a música, trabalhando como cantora intérprete. Motivo de orgulho para mim, porém existiram alguns momentos de minha vida, onde constatei que a música e quem com ela trabalha tem grandes chances de sofrer algum tipo de preconceito e enquanto mulher, este pareceu se potencializar.

A reflexão acerca desses assuntos que envolvem então “a mulher na nossa sociedade”, esse modo de pensar e agir onde temos grande tendência a naturalizar, legitimar e reproduzir comportamentos advindos de uma cultura pautada na figura masculina - que por consequência, acaba por anular e apagar anseios genuinamente do universo das mulheres e seu modo de existir no mundo -, já permeavam minhas ideias e parecem ganhar novo corpo em meu momento de vida universitária. Graças ao contato com essa atmosfera educacional acadêmica, que por si só, proporciona a oportunidade de aprofundamento teórico, diálogo constante entre conteúdos, ideias e matérias, enriquecendo nossa gama de conhecimento, começo a trilhar caminhos num curso que tem como finalidade formar educadores nesta sociedade que descrevi há pouco.

Percebo, então, a possibilidade de experiências que o processo de ensino-aprendizagem pode viabilizar enquanto meio de transformação do lugar que atuamos na sociedade. Ao longo da trajetória na faculdade, minha visão sobre esses processos se amplificou e observei que eles vão além dos muros da escola, das paredes de uma sala de aula e das linhas de um caderno. É possível que a educação se apresente e aconteça em outros palcos e com outros instrumentos.

Foi também durante essa trajetória e suas inúmeras possibilidades de reflexão, que pude fazer os seguintes questionamentos: por que eu me cobrava tanto sobre ter de ser capaz de escolher entre duas áreas de trabalho – a educação ou a música – e meus colegas homens, na mesma situação não pareciam ter essa preocupação? Porque eu achava que por ser mulher, teria de escolher uma das áreas? Certamente a educação em meu meio familiar e meio social influenciou em tais sentimentos.

E se eu tivesse a chance de, enquanto criança, vivenciar de modo mais intenso aprendizados de diferentes maneiras dentro e fora da escola, por meio de brincadeiras, de linguagens expressivas, de descoberta e experimentação pessoal, de construção autônoma de conhecimentos? Talvez eu tivesse tido mais chances de descobrir as formas pelas quais eu quero e posso ser mulher, capaz de escolher os próprios caminhos e de trabalhar com o que quiser. E se desde a infância eu desenvolvesse atividades que proporcionassem o fortalecimento da minha

autoestima e que me servissem de matéria prima para eu esculpir uma mulher mais autoconfiante e questionadora, será que mudaria algo na minha trajetória até aqui?

Diante desses questionamentos, busquei neste trabalho investigar um projeto chamado *Girls Rock Camp Brasil*, um acampamento que é desenvolvido com meninas entre 7 e 17 anos na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo. Soube dessa iniciativa em 2015, pois moro em Sorocaba e tenho algumas companheiras de trabalho que atuaram como voluntárias nela.

Interessada em saber mais, descobri que esse acampamento nasceu na cidade de Portland, do Estado de Oregon (EUA) no ano de 2001, numa iniciativa das estudantes da Universidade Estadual, utilizando o nome a princípio de “*Rock ‘n Roll Camp for Girls*”, que buscavam por meio da música e outras atividades expressivas, possibilitar o empoderamento e a edificação da autoestima das meninas que dele participavam. Foi, portanto na intenção de compreender melhor essa prática e conhecer suas contribuições para a educação de meninas que este trabalho foi concebido.

Para cumprir este objetivo, realizei uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, buscando por bases referenciais teóricas que me permitissem descobrir as possíveis interfaces entre os temas aqui envolvidos, o da educação de meninas, do feminismo e da música.

O trabalho é construído em 3 partes. O primeiro capítulo apresenta-se em forma de um memorial, escrito com a intenção de desvelar as circunstâncias que me influenciaram a fazer a escolha por este tema.

O segundo capítulo, intitulado “Metodologia: afinando as notas do caminho”, com base em Gerhardt e Silveira (2009) e Malheiros (2011) revela os procedimentos metodológicos, que envolveram a construção de tabelas que serviram de organização para a etapa de levantamento bibliográfico com: escolha das palavras-chave, busca nas bases de dados, seleção de textos, leituras e fichamentos. Este capítulo traz, ainda, as descrições do contexto da pesquisa.

O terceiro capítulo, identificado como “Pressupostos Teóricos: artista mulher e professora cantante em busca de instrumentos” apresenta a construção teórica realizada a partir dos referenciais que serviram de base para o desenvolvimento da presente pesquisa. Ele é dividido em quatro tópicos, sendo o primeiro denominado “Onde estará o Feminismo? Educação não formal, empoderamento e emancipação feminina”. Este tópico objetivou compreender o feminismo, as diferenças ainda presentes na educação de meninos e meninas em nossa sociedade, encontrando sustentação em Silva e Costa (2018), Alves e Pitanguy (1981), Beck e Guizzo (2003) e Brandão (1981). Para compreender a educação não formal como um caminho para desenvolver o feminismo e o empoderamento feminino, foram utilizados Fávero (2007) e Gohn (2009).

O segundo tópico deste capítulo, intitulado “Educação de meninas para quem? Para que?”, sustenta-se em Perosa (2006, Sapaterra (2012), Pimenta e França (2013) para identificar como era compreendida a educação de meninas em outros tempos e perpetuação e reprodução de certos padrões. O terceiro tópico, “Música e educação: que relação é esta?”, tem Uriarte (2004) e o contexto da legislação como breve investigação histórica para conhecer o papel da música no contexto social mundial e suas marcas, bem como no brasileiro.

No quarto tópico, chamado “*Girls Rock Camp*: música para a emancipação feminina”, Vanda Bellard Freire (2010), Borges e Paz (2015), Sossmeier e Parizotto (2013), Saraiva (2013), Martins (2013), Araújo e Monastérios (2011), Gelain e Amaral (2017), Ribeiro et al. (2012), Facchini (2011) inspiraram a escritura sobre a contribuição da música na transformação da sociedade, incluindo no feminismo e na emancipação feminina, com o movimento *riot grrl* que é grande influência do *Girls Rock Camp*. Este tópico também aborda a descrição do *Gilrs Rock Camp* e de como ele desenvolve por meio da música a autoestima, a união, a confiança e o empoderamento feminino por meio da música.

As “Considerações Finais” apontam para o fato de o acampamento promover campo para reflexão e transformação nas meninas, possibilitando um fortalecimento de sua autoestima, empoderamento, bem como maior união entre as mesmas. Ainda, que o ambiente escolar onde estas possam estar inseridas apresenta potencial para contribuição da transformação social, a experiência no projeto potencializa o rompimento da cultura do sexismo, trazendo a reflexão sobre este e colaborando assim para o empoderamento feminino mais intenso e respeito mútuo entre meninos e meninas.

O que eu não esperava era que, concluir todo esse processo de pesquisa sobre o acampamento que chamara tanto minha atenção para sua missão social com meninas e futuras mulheres, fosse causar tamanha revolução na mulher que fui, sou e quero ser. Não é porque cresci e me tornei adulta, que essa transformação não possa ocorrer e esta pesquisa sem dúvida alguma, me trouxe isso à tona. A pesquisa trouxe um desassossego demasiadamente proveitoso para eu encontrar a tão procurada por mim, conexão de minhas interfaces. Das minhas personagens. Da minha criança interior com alma de artista juntamente a educadora que almeja uma sociedade mais justa principalmente para com nossas meninas. Da cantora mulher que vibra cada nota em suas pregas vocais para tocar a alma do outro, para alcançar emoções e deixar o balanço da vida mais leve.

2. CAPÍTULO I. MEMORIAL: COMO A ARTISTA MULHER ENCONTRA A PROFESSORA CANTANTE. ISSO É POSSÍVEL?

Compartilho aqui alguns momentos da minha vida antes, durante e depois do meu ingresso no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, relacionando pontos marcantes de minha trajetória enquanto estudante universitária com outros que ocorrem em minha área de trabalho atual no universo da música.

A música e a educação se relacionam em meu processo de transformação enquanto mulher e cidadã crítica. A identificação do feminino se faz importante na etapa de escrever minhas memórias, pois tem ampla relação com o tema da pesquisa. O processo de escrita das memórias, além de significar a evocação de fatos a que eu tenha assistido ou em que tenha tomado parte, me fez compreender melhor os momentos de minha trajetória que me impulsionaram em direção à temática escolhida para o presente trabalho. Assim, o considero muito significativo para a complementação do mesmo.

Também creio ser importante explicar brevemente que eu enquanto membro discente da primeira turma do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, deveria ter concluído os cinco anos de curso em 2013. Já estamos em 2019 e, somente agora, cheguei ao momento da entrega e da defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Embora tenha me distanciado da universidade durante esses anos, por motivos que detalharei a seguir, nunca me foi opção desistir dessa graduação e esta etapa de finalização era fundamental. No entanto, para iniciar meu TCC era vital que encontrasse “um tema que me inquietasse”, dizia a professora Lucia, que idealizei como orientadora desde o início.

Por algum motivo, isso me parecia impossível. Pensava em diversos temas que me eram interessantes, porém sempre faltava empatia. Os anos foram passando e um medo deste desafio foi se formando, me fazendo distanciar cada vez mais do sonho de conclusão. Quando parecia ter esquecido completamente, encontrava-me com alguém da universidade, de turmas de pedagogia posteriores à minha, que estavam para se formar ou já haviam concluído e elas diziam: “conseguiu terminar, Karina? E o TCC?”. A angústia se fortalecia cada vez mais e eu, congelava. Um dia encontrei Mariane, colega de outra turma de pedagogia e, sabendo que atualmente trabalho cantando, me perguntou: “e o TCC?”. Ouvindo minha resposta negativa, ela sugere: “porque não escreve sobre o *Girls Rock Camp*? Fala de música e educação. Perfeito pra você!” Neste momento, pareceu que tudo mudou em minha mente. Algo finalmente fez sentido pra mim, me deixou confortável e ao mesmo tempo inquieta, curiosa, como a professora Lucia sugeriu que fosse. Interpretei este rumo “diferente” que minha conclusão de curso teve,

como se estes anos em que não produzi material algum, fossem necessários para que eu encontrasse, no tempo e momento certo, o legítimo “desassossego”.

Pois bem. Sou nascida em São Paulo, mas mudei para a cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo, aos três anos de idade. Moro na mesma casa de esquina do bairro Jardim Simus. Foi nessa casa onde recebi a educação e ensinamentos mais preciosos de meus pais, que criaram meu irmão e a mim com muito carinho, amor e dedicação. Meu pai é formado em administração e trabalha com vendas desde que eu me lembre e sempre batalhou duro para garantir tudo à família. Uma de minhas principais lembranças, e que ainda se faz atual, é seu amor por música. Cantarolar, é sua distração preferida. Cultivo memórias dele cantarolando por toda parte, com um repertório que, nos meus modos de ver enquanto criança, era algo que fosse só dele. Muitas daquelas músicas, a maioria clássicos da Música Popular Brasileira (MPB), vim a conhecer adulta, depois de muitos anos. Sem nunca sequer ter ouvido suas harmonias originais, já sabia as letras de cor, graças a ele. Hoje eu vejo o quanto isso me influenciou.

Me lembrei de algo que estudamos na disciplina de Metodologia do Ensino de Arte, no 7º semestre do curso. Um dos autores lidos, o professor J, Craig Peery (2002), da Universidade Brigham Young nos Estados Unidos, estudioso das influências e do desenvolvimento das preferências musicais, afirma que a música está entre as primeiras experiências sociais da infância, sendo que as crianças são sensíveis à música até antes de seu nascimento. O autor menciona que as preferências musicais são constituídas justamente pela exposição repetida a um determinado tipo de música: aquilo que se ouve por influência de pessoas importantes em sua vida, é aquilo que se gosta.

Já minha mãe se formou em Letras, porém desde que nos teve, optou por se dedicar aos filhos e a casa. Desenvolveu alguns passatempos que sempre teve apreço, como pintura e a música e transferiu-os logo cedo à meu irmão e a mim. Desde que éramos crianças, iniciamos aulas particulares de violão, pintávamos quadros, estátuas de gesso, modelávamos argila e poesia arriscávamos tecer algumas linhas. Em uma tarefa de casa que me foi muito marcante, lembro-me de criarmos um poema ou poesia de tema livre. Conteí com a ajuda de minha mãe para fazê-la. Não me lembro do poema, mas lembro-me claramente do processo de criação. Minha mãe me ajudando, me estimulando a criar rimas, pensar em palavras e eu me sentindo poderosa, inteligente e criativa.

Na adolescência em colégio particular, a fase pré-vestibular e a cobrança para escolher o que fazer na faculdade foram marcantes. “Escolham bem, é para vida toda!”. Alguns colegas já sabiam desde sempre o que queriam ser e os que não sabiam, como eu, sentiam a pressão e desconforto de “não estar prontos”. Na reflexão sobre tudo que gostava e nas matérias que me

dava melhor, resolvi ser professora! Sempre apreciei as brincadeiras de escolinha, por na maioria das vezes admirar meus professores, o papel que exerciam, suas influências e representação nas diferentes fases da minha vida e reproduzia. Entretanto, ao comunicar à professora de português minha decisão, jamais esquecerei seu questionamento: ela me perguntou se eu queria morrer de fome e isso mudou completamente meus planos.

Terminei o Ensino Médio (antes denominado colegial) sem ingressar em uma faculdade. Pensei em várias outras opções de carreiras, mas sempre com a sensação de estar perdida e errada. Fiz cursinho pré vestibular e foi ali que o interesse pela educação ressurgiu. Embora as matérias fossem as mesmas, conversávamos amplamente sobre política, filosofia, sociologia e principalmente frisava-se o papel essencial que a educação tem sobre uma sociedade. Se há um caminho que pode transformar saberes e vidas é a educação, e o papel do educador, que por muitos é desvalorizado, deveria ser o mais reconhecido. Ali entendi um pouco mais sobre a postura da minha antiga professora de Português e comecei a refletir novamente sobre a vontade de ser professora, deixando de lado os estereótipos de profissões de status e de “sucesso”. Prestei e passei no vestibular para a primeira turma de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

Na universidade, a experiência de construir junto com as professoras e os professores um curso de pedagogia foi única e é nesse espaço que minha reflexão sobre a educação e suas inúmeras facetas se expandiu. Através da troca constante que se tinha entre todos, pude começar a perceber o quanto a educação definitivamente não está apenas dentro dos muros da escola. Pude ampliar minha visão para a sociedade e seus empasses. Houve muita troca de experiências com os colegas e professores e compreendi uma infinidade de coisas acerca do processo de ensino-aprendizagem e as atmosferas que o cerca.

Estagiei durante todos os anos de graduação em diferentes instituições e regimentos. Uma experiência riquíssima com aprendizados que ficaram para minha vida toda, sem dúvida. Estudar sobre a educação é uma coisa, mas vivenciar seu cotidiano nas escolas, com regras e jeitos de pensar e agir por vezes completamente diferentes do que estudávamos na universidade me fez entender que há muito por fazer para melhorar ou simplesmente nos conformar sobre como as coisas funcionam em determinadas escolas.

Em paralelo a todas essas experiências, comecei a desenvolver contato com o universo da música, que como aqui relatei me acompanha desde criança e sempre me encantou. Passei a atuar nele como cantora, numa oportunidade que me foi oferecida por uma banda de rock e foi assim que levei meus últimos anos de curso como uma professora/cantora. Em alguns momentos cheguei a me sentir desconfortável por carregar esses dois ofícios, com receio da

visão de pais de alunos, da sociedade em geral, me reprimindo por isso, mesmo minhas ocupações não sendo novidade para a escola em que eu atuava e demais contextos nos quais me encontrava.

Conheci muitos professores de música homens que atuavam tanto dando aulas como se apresentando. Contudo eu, por ser mulher, achava que seria diferente, que “mulher não pode”. Embora a maioria das pessoas reagissem de modo eufórico e aparentemente positivo quando eu dizia que era cantora, me recordo de algumas reações que me foram indecifráveis por parte de mães, superiores e alguns colegas de trabalho ao descobrirem minha outra profissão e isso reforçava ainda mais cismas e repreensão comigo mesma.

O preconceito que quem trabalha com arte sofre, existe e, atuando na área, pude sentir que ele se intensifica quando se trata de uma mulher. A reflexão acerca disso durante o curso de Pedagogia foi viável ao estudar autoras que se debruçaram sobre este tipo de preconceito, como Ana Mae Barbosa (1989, 2001). Ela nos ajuda a compreender que o descaso legado às diferentes culturas e às artes e seu ensino em nosso país tem origens históricas antigas, desde a chegada da missão artística francesa ao Brasil, em 1816, quando os europeus negaram a arte de traços originais aqui realizada e impuseram sua escola neoclássica. Se instalou um preconceito de classe e de raça, baseado na categorização estética do branco europeu. A autora nos ajuda a compreender que a arte serve para lutar contra preconceitos e despertar um raciocínio crítico e independente, por isso, na verdade é que se limita seu acesso a muitas pessoas.

Por me sentir alvo de preconceito, decidi parar os trabalhos na instituição escolar sem sequer ter certeza de que meus receios procediam e sem me questionar muito sobre se seria motivo suficiente para tal. Fui educada por meus pais como a maioria das mulheres, dentro de padrões sociais que por vezes trazem com naturalidade sentimentos de medo e submissão e eram reproduzidos por eles certamente sem essa percepção. A cultura orientada pela lógica do machismo, está intrínseca no nosso modo de vida e é assim arrastada por gerações. Cultura essa que pode até mudar e se adaptar a novos contextos e cenários conforme passam-se os anos, mas nós mulheres continuamos a aprender, desde a primeira infância, a aceitar as condições que nos são impostas e a reproduzi-las sem muito questionamento.

Com os trabalhos fluindo mais na área musical que nas escolas, passei a me apresentar e a me dedicar cada vez mais ao cenário artístico. Mesmo fora das escolas e das salas de aula enquanto professora, como aluna de pedagogia os aprendizados e as experiências que vivi sempre fizeram muito sentido para mim. Ter passado pela Universidade Federal, ter a grade curricular que tive, me fez olhar o curso de Pedagogia não apenas como uma preparação para

dar aula às crianças, que é o que a grande maioria pensa, mas uma oportunidade de ressignificar meu olhar para a sociedade num modo em geral e o ato de educar.

Quando a amiga Mariane me lembrou sobre o projeto *Girls Rock Camp*, algo que já havia me saltado aos olhos durante a graduação, veio à tona. A importância da educação que ocorre em um meio caracterizado como não formal para a formação dos indivíduos em geral, e das meninas, especificamente. O quanto aquilo trazia significado para mim e minhas memórias, meu caminho trilhado até aqui. Nosso primeiro contato com a educação acontece já no seio familiar e depois em outros âmbitos e instituições. Durante os estágios obrigatórios do curso, pude conhecer o trabalho de órgãos sociais sem fins lucrativos e percebi o quanto esse tipo de educação é essencial. enxerguei sua potencialidade quando é somada à aquela ocorrida dentro da instituição escolar, pois ela auxilia na construção do caráter, senso de criticidade e atuação dos seres humanos enquanto cidadãos.

Acredito serem estes os objetivos que movem o *Girls Rock Camp*. Diante do que afirmou a diretora do projeto, Flávia Biggs, em uma de suas palestras que pude assistir, quando ela apresentava o acampamento. Ainda não tive a oportunidade de participar ativamente como voluntária, por não ser possível conciliar o momento que o acampamento acontece (início de janeiro), com o trabalho e demais afazeres. O comprometimento com o projeto deve ser levado muito à sério, coisa que é mencionada antes de qualquer mulher fazer sua inscrição. Mas pesquisar e escrever sobre esse trabalho, só fez aumentar a vontade de me enriquecer nessa experiência incrível.

Neste sentido, gostaria de relatar uma vivência interessante que tive enquanto cantora e que suponho que seja o que acontece no *camp*. Certa vez, me apresentei num casamento em que a noiva era uma cantora. Ela já havia tido uma banda e na festa, preparou uma surpresa para seus convidados reunindo as antigas integrantes de sua banda no palco onde nós, os músicos contratados por ela, estávamos nos apresentando. Foi muito interessante e inusitado ver mulheres em seus vestidos longos, saltos, maquiagem e cabelos impecáveis, subirem ao palco e pegarem seus respectivos instrumentos. Algumas delas nem estavam em trajes ditos como “femininos”. De cabelos curtos, camisas, suspensórios e sapatos baixos, elementos vistos como sendo do vestuário “masculino”, tinham seus estilos próprios e alternativos, representando uma notável e linda diversidade. No momento em que elas começaram a tocar no palco iluminado e em posição de destaque, atraindo o olhar de todos os presentes, algo extraordinário ocorreu.

As meninas ali presentes com idades entre três até dez anos de idade subiram ao palco, após admirar e se identificar por alguns minutos. E era realmente radiante o que estava

acontecendo. Mulheres cheias de coragem e de atitude, tocando bateria, guitarra, baixo, coisas que eram músicos homens que estavam executando até então naquela ocasião. No palco, essas crianças se sentiam estrelas. Dava pra ver em seus olhares. E é de fato, algo que sempre noto quando me apresento em eventos que tenham crianças presentes, especialmente meninas. Elas logo se aproximam, mesmo que timidamente e admiram, interagem cantando, com um aceno, pedindo uma foto ou até trazem desenhos, bilhetes e flores.

Eu sinto nessa admiração, nesse carinho que nasce tão instantaneamente de maneira tão inocente e genuína, a representatividade, o exemplo, a influência que o meu papel enquanto cantora naquele momento pode significar para elas, meninas que se tornarão mulheres e serão o que quiserem ser. Elas se veem em mim e se é da vontade delas, elas podem sonhar em querer ser exatamente o que eu sou também! Imaginar que essa representatividade possa se ampliar quando uma banda só de mulheres se apresenta, é algo que realmente não tem como não querer que aconteça e que seja ainda mais frequente! Não só na esfera da música, mas para com todos os grupos minoritários e em todas as estâncias da sociedade. É importantíssimo que meninas se sintam cada vez mais representadas e que desde a infância se sintam encorajadas a serem o que quiserem, acreditem no potencial que possuem.

Por isso acredito fortemente que trabalho como este desenvolvido no *Camp* seja imprescindível em nossa sociedade, bem como o seu fácil acesso para que as atividades ofertadas se estendam a todas as classes sociais e um movimento de mudança nas normativas em que nossa estrutura de vida se. Ainda pode parecer utópico, visto a realidade por vezes arcaica que nosso sistema é pautado. Se fazem necessárias políticas públicas que facilitem esse processo. Mas não se pode esmorecer, pois essa é uma luta que fora iniciada há tempos e não terá mais retrocessos.

Foi pensando, vivenciando e me inquietando por esses caminhos que realizei o processo de construção deste trabalho, que é parte da minha busca enquanto mulher, artista e professora que luta por processos educativos mais dignos para as meninas, que incluam o direito às artes e às variadas manifestações culturais em suas vidas, como forma de fortalecimento pessoal, de desenvolvimento da capacidade crítica e de ampliação dos modos de ver a vida e o mundo.

3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA: AFINANDO AS NOTAS DO CAMINHO

A presente pesquisa se caracteriza como sendo qualitativa e de natureza bibliográfica. Qualitativa porque este tipo de pesquisa “não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31). E se trata de uma pesquisa bibliográfica porque ela busca “identificar na literatura disponível as contribuições científicas sobre um tema específico” (MALHEIROS, 2011, p. 81).

Malheiros (2011) esclarece a diferença entre os termos “pesquisa bibliográfica” e “levantamento bibliográfico”. De acordo com este autor, uma pesquisa de abordagem qualitativa pode ser classificada como “pesquisa bibliográfica” quando ela busca suas fontes de informação em artigos, livros, dissertações, teses, etc, analisando esse material, comparando seus conteúdos, confrontando resultados e chegando a compreensões mais ampliadas do tema estudado. O “levantamento bibliográfico” é o procedimento metodológico utilizado para fazer a pesquisa.

O levantamento bibliográfico aqui realizado sobreveio basicamente da seguinte forma: primeiramente, através de um panorama geral dos assuntos que permeiam a atmosfera do trabalho desempenhado no acampamento *Girls Rock Camp*, esforcei-me a elaborar grupos distintos de palavras-chave específicas, que demonstraram vínculo ao tema e os utilizei em quatro bases de dados, sendo elas: Scielo – Scientific Eletronic Library Online, SIBI – Sistema Integrado das Bibliotecas da Universidade de São Paulo, Periódicos CAPES/MEC PERIÓDICOS CAPES/MEC e SBU – Sistema de Biblioteca da UNICAMP.

Ao escrever estas palavras nas bases, um número de documentos era filtrado e apontado pela tal, que a princípio, abordariam de algum modo, assuntos acerca da temática. A partir deste filtro, foram selecionados artigos que à priori demonstrassem já em seu título e no resumo, alguma ligação ao conteúdo apurado ou que pudessem contribuir com alguma informação, por mais que tal documento tivesse outro tema/foco. Porém, no decorrer da leitura, notei que por mais específica que as palavras-chave fossem, ainda assim, me deparava com muitos títulos que nada contribuía com o estudo. A última etapa deste funil era a realização da leitura desses documentos e realização de fichamentos, a fim de facilitar e otimizar o agrupamento de informações, dando início ao estágio de lapidação da matéria-prima deste trabalho.

Todos os artigos/ trabalhos selecionados constituíram o quadro teórico desta pesquisa. A seguir estão as tabelas feitas para o levantamento bibliográfico. O modelo destas tabelas foi sugerido pela orientadora do trabalho, sendo comigo discutido.

TABELA 1- SCIELO- SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY ONLINE

SCIELO- SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY ONLINE			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados
Educação AND voltada AND meninas	1	1	PEROSA, Graziela Serroni. A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. Cadernos Pagu , Campinas, n. 26, p.87-111, jan. 2006. Quadrimestral. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644724 > . Acesso em: 20 out. 2018.
Educação AND música	53	2	SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. O músico e seu trabalho: diferenças de gênero e raça. Tempo Social . São Paulo, v. 26, n. 1, p. 75-86, jan./jun.2014. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644724 > . Acesso em: 15 jun. 2018. URIARTE, Mônica Zewe. Música e escola: um diálogo com a diversidade. Educar , Curitiba, v. 20, n. 24, p.245-258, jun. 2004. Semestral. Disponível em: < https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2218/1861 >. Acesso em: 11 abr. 2018.
Educação AND feminismo	14	0	0
Feminismo AND música	4	1	FACCHINI, Regina. "Não faz mal pensar que não se está só: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. Cadernos

			Pagu , Campinas, n. 36, p.117-153, jan. 2011. Semestral. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt >. Acesso em: 05 nov. 2018.
--	--	--	--

Tabela 1: Levantamento bibliográfico na base de dados SCIELO- Scientific Eletronic Library Online

Iniciei esse processo de delineamento das tabelas na base de dados da Scielo. Nela, pude observar que com os grupos de palavras-chave escolhidos: “Educação AND voltada AND meninas”, “Educação AND música”, “Educação AND feminismo”, “Feminismo AND música” encontraram 72 resultados. Destes, apenas 4 (quatro) foram selecionados por mim. Eles abordam, sobretudo, algumas questões que envolvem música na educação e considerei que viria ser útil para a composição da pesquisa. Os demais não foram escolhidos por simplesmente não contemplarem nenhum ponto do conteúdo em questão. Tratavam por exemplo, de questões como música para o ensino de biologia, música para se trabalhar na educação especial, saúde auditiva, cururu, profissão de psicologia, capoeira, o fazer artístico e a prática pedagógica, a música no espaço terapêutico, entre outros. Lendo ligeiramente esses títulos, tive a impressão de que ao menos algum fragmento do artigo pudesse ser válido e utilizado, principalmente por alguns tratar da educação, mas ao realizar uma leitura dinâmica sobre os mesmos, pude constatar que não havia conteúdo que pudesse agregar em minha pesquisa. Tudo muito específico para os temas.

TABELA 2- SIBI- Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo

SIBI- Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados

Educação voltada para meninas	62	1	SAPATERRA, Ana Paula. Colégios Católicos Femininos: A educação no colégio Nossa Senhora do Patrocínio. Verbum : Cadernos de Pós-Graduação, Perdizes, v. 1, n. 1, p.48-65, jan. 2012. Quadrimestral. Disponível em: < https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/8025 >. Acesso em: 20 out. 2018
Educação não formal e emancipação feminina	50	1	MARTINS, Mirian Teresa de Sá Leitão; ALCANTARA, Karolyne Romero de. Mudanças da condição feminina na atualidade: revisitando a história do feminismo. Revista Ártemis , João Pessoa, v. 14, p.98-110, ago. 2012. Semestral. Disponível em: < http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14293/8168 >. Acesso em: 05 nov. 2018
Educação musical para meninas	60	0	0
Feminismo educação musical	37	0	0
Feminismo música meninas	33	2	MACHADO, Alleid Ribeiro. Formas de representação feminina nos teen chick lits: um estudo em torno d'O diário da princesa. Comunicação, Mídia e Consumo , São Paulo, v. 14, n. 39, p.90-110, jan. 2017. Quadrimestral. Disponível em: < http://revistacmc.espm.br/index.php/re

			vistacmc/article/view/0000-0001-9359-532X/pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.
			PAULA, Fabiana de. Mulheres no rock: por que ainda somos tão poucas?. 2015. 15 f. Dissertação (Dissertação em Mídia, Informação e Cultura) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 15 p. 2015. Disponível em: http://paineira.usp.br/celacc/?q=pt-br/celacc-tcc/775/detalhe Acesso em: 02 out. 2017.

Tabela 2: Levantamento bibliográfico no SIBI- Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo

Já na tabela do SIBI, observa-se que para os grupos de palavras-chave “Educação voltada para meninas”, “Educação não formal e emancipação feminina”, “Educação musical para meninas”, “Feminismo educação musical”, “Feminismo música meninas” foram encontrados muitos resultados. 242, tendo apenas 4 (quatro) selecionados. Aqui repeti o mesmo processo descrito na primeira tabela. Realizei a leitura dinâmica de todos, como forma de constatar se, mesmo com título e resumo não apontados como proveitosos, haveria alguma menção em seu conteúdo, que pudesse vir a ser válido. E ainda assim o resultado final de 3 designados se manteve. Muitos tratavam de falar sobre tópicos que em nada poderiam contribuir. Tratavam por exemplo, de questões como literatura, saúde, formação de professores. Outra circunstância ocorrida nesta etapa foi a constatação de repetições de alguns artigos na mesma base e na base anterior configurando assim, um número alto e exacerbado de resultados encontrados.

TABELA 3- PERIÓDICOS CAPES/MEC

PERIÓDICOS CAPES/MEC			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados
Educação musical para meninas	35	2	RODRIGUES, Maria Natália Matias-; ARAÚJO-MENEZES, Jaileila de. Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do movimento Hip Hop. Revista Latino Americana de Ciências Sociais: Niñez y Juventud , Manizales, v. 12, n. 2, p.703-715, 2014. Semestral. Disponível em: < http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v12n2/v12n2a14.pdf >. Acesso em: 24 out. 2018.
			MARTINS, Rosana. Hip hop, arte e cultura política: expressões culturais e representações da diáspora africana. Em Questão , Porto Alegre, v. 19, n. 2, p.260-282, jul. 2013. Quadrimestral. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/36330/31057 >. Acesso em: 25 out. 2018.
Educação AND voltada AND meninas	75	1	PIMENTA, Adriene Suellen Ferreira; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza. Educação de meninas órfãs na concepção do intendente Antônio Lemos em Belém do Pará (1900-1906). Histedbr , Campinas, v. 13, n. 49, p.334-349, mar. 2013. Trimestral. Disponível em: < https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640336 >. Acesso em: 14 jul. 2018.

<p>Educação Música Feminismo</p>	<p>56</p>	<p>4</p>	<p>RIBEIRO, Jéssyka K. A. et al. UM JEITO DIFERENTE E "NOVO" DE SER FEMINISTA: EM CENA, O RIOT GRRRL. Revista Ártemis, João Pessoa, v. 13, p.222-240, jun. 2012. Semestral. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14226/8154>. Acesso em: 21 mar. 2018.</p> <p>BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos culturais e estudos de gênero: Proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. Holos, Natal, v. 4, n. 29, p.172-182, set. 2013. 8. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1597/714>. Acesso em: 11 jul. 2018.</p> <p>PRETTO, Zuleica; LAGO, Mara C. de S. REFLEXÕES SOBRE INFÂNCIA E GÊNERO A PARIR DE PUBLICAÇÕES FEMINISTAS BRASILEIRAS. Revista Ártemis, João Pessoa, v. 15, n. 1, p.56-71, jan. 2013. Semestral. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/16638>. Acesso em: 10 ago. 2018</p> <p>TORNQUIST, Carmen Susana; FLEISCHER, Soraya Resende. Sobre a Marcha Mundial das Mulheres: entrevista com Nalu Faria. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 1, p.291-312, jan. 2012. Quadrimestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000100016/21948>. Acesso em: 06 set. 2018.</p>
<p>Feminismo educação musical</p>	<p>29</p>	<p>0</p>	<p>0</p>

Feminismo música meninas	30	0	0
Educação musical jovens meninas	36	0	0
Feminismo na educação jovens meninas	78	0	0

Tabela 3: Levantamento bibliográfico na base de dados PERIÓDICOS CAPES/MEC

O momento da pesquisa na base da Capes, foi um dos mais interessantes que considerei. Realizei o mesmo processo de busca para os grupos de palavras-chave “Educação voltada para meninas”, “Educação não formal e emancipação feminina”, “Educação musical para meninas”, “Feminismo educação musical”, “Feminismo música meninas” e o resultado foi exorbitante 366, tendo apenas 7 (sete) selecionados. Apesar dos números ainda altos, considerando que a finalidade de agrupar algumas palavras-chave é justamente para restringir, afunilar e tornar mais acessível os conteúdos com os resultados, aqui pude constatar o porquê talvez os resultados tenham tantos números. Observei que o padrão de repetição de artigos retornou a acontecer e também o que contribuiu para o número de selecionados ser menor é que muitos artigos eu já havia me deparado em outras bases de pesquisa, fazendo com que ele fosse registrado na mesma, porém já descartado por ter sido utilizado e contabilizado em outra base ou desprezado na mesma.

TABELA 4- SBU- SISTEMA DE BIBLIOTECA DA UNICAMP

SBU- SISTEMA DE BIBLIOTECA DA UNICAMP			
Palavra chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados
Educação musical para meninas	50	0	0
Educação AND voltada AND meninas	66	0	0
Feminismo educação musical	12	0	0
Feminismo música meninas	31	0	0
Educação musical jovem meninas	15	0	0
Educação- música feminismo	32	1	SILVA, Melanie Laura Mariano da Penha; COSTA, Maria Aparecida Tenório Salvador da. Discussões de gênero e feminilidades na escola contemporânea. INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis , Florianópolis, v. 15, n. 2, p.55-72, maio 2018. Quadrimestral. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-

			1384.2018v15n2p55>. Acesso em: 23 out. 2018
Feminismo educação jovens meninas	22	1	LIMA, Ana Carmem de Oliveira; LIMA, Rayane Silva; SILVA, Jânia Maria Augusta da. Gênero feminino, contexto histórico e segurança alimentar. Demetra , Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.789-802, jul. 2016. Trimestral. Disponível em: < https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/22511/18426 >. Acesso em: 08 out. 2018.

Tabela 4: Levantamento bibliográfico na base de dados SBU- Sistema de Biblioteca da UNICAMP

Por fim, chego à base de pesquisas da UNICAMP. Aqui ocorre a mesma situação encontrada nas bases anteriores na busca para os grupos de palavras - chave “Educação voltada para meninas”, “Educação não formal e emancipação feminina”, “Educação musical para meninas”, “Feminismo educação musical”, “Feminismo música meninas” e o resultado foi 228 tendo apenas 2 (dois) selecionados. Percebe-se que houve pouca alteração no grupo de palavras. Por mais que se tentasse modificar tal grupo, elencado outras palavras, com o intuito de estreitar tais resultados, a pesquisa acabava por deixar os resultados ainda mais amplos, dificultando muito para obter artigos proveitosos a este trabalho.

Pude constatar neste momento um tanto árduo de busca por escritos que viessem a fornecer dados, informações e conteúdos para este trabalho, que as bases, mesmo sendo distintas, acabavam por reiterar (às vezes por mais de uma página, na mesma pesquisa), os exemplares. Um mesmo artigo era encontrado, duas, três, até mais vezes na mesma pesquisa. O que acabou por me tranquilizar quanto ao número, por vezes exorbitante de resultados.

4. CAPÍTULO III. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A ARTISTA MULHER E PROFESSORA CANTANTE EM BUSCA DE INSTRUMENTOS

4.1 Onde estará o Feminismo? Educação não formal, empoderamento e emancipação feminina.

Ao visitar uma gama de autores e autoras, as inquietações da artista mulher e professora cantante vão ganhando colo, acolhimento. Muitos conceitos encontrados pelo caminho vão se tornando ferramentas para auxiliar a trilha. Ou melhor, instrumentos à se dedilhar na sinfonia da vida. Teorias, conceitos e os encontros com a pluralidade de autores, criam essa harmonia do conhecimento e melodias a serem tocadas na busca da transformação nos modos de ser e estar no mundo.

Compreendi não ser fácil nascer mulher no contexto social em que vivemos. Por mais que haja milhares de comunidades espalhados pelo globo, cada qual com suas subjetividades, políticas, sociais, culturais e religiosas, há certo padrão predominante entre a maioria deles no que diz respeito à educação de meninos e meninas que já nascem, crescem e nele se desabrocham. Este padrão acaba basicamente por ensinar meninas, desde a mais tenra idade a desenvolverem um comportamento de “adultização” precoce e sujeição a costumes, que dizem respeito à predominante cultura do machismo.

Um exemplo disso é como quando recebíamos na infância brinquedos como bonecas, carrinhos de bebê, cozinhas, maquiagens como presentes e aos meninos, destinavam-se carrinhos de controle remoto, bonecos de super-heróis, vídeo games, dentre outros brinquedos classificados como masculinos. Se este aspecto for levado em conta apenas superficialmente, estaremos incorrendo em uma falha no processo educativo, desrespeitando a criança. Daniela Finco (2007) esclarece sobre a importância dos cursos de formação de profissionais para a Educação Infantil estarem atentos a enxergar a criança como ser complexo, capaz de conhecer o mundo com o corpo inteiro e com direitos a serem garantidos no sentido de não serem oprimidas desde o ponto de vista adultocêntrico. Ao decidir pela criança os “tipos de brinquedos que lhes são permitidos e disponibilizados” (FINCO, 2007, p. 107), ordenando com quais ela deve brincar para ter comportamentos esperados e “verdadeiros” para meninos ou meninas, se reforça e marca os corpos das crianças de acordo com expectativas dos adultos.

Estes estereótipos que iniciam na infância se estendem a situações tais como as que normalmente presenciamos de que nós, mulheres, não somos educadas para seguir nossas

querências, tampouco a exercermos as profissões que almejamos de fato, como acontece com os meninos. O que ocorre é uma espécie de condicionamento oculto e este, desponta desde a barriga de nossas mães, nos sendo praticamente imposto e suas marcas deixadas nos acompanham por toda a vida. Finco (2007) aponta para o corpo como lugar de inscrição da cultura, sendo que as marcas de gênero vão sendo impressas nos corpos de meninas e de meninos de acordo com as expectativas da família, que pode ser considerada “um dos primeiros marcadores do corpo da criança”. Sobre este fato, Finco (2007, p. 103) afirma:

Desde muito cedo, até mesmo antes de nascermos, somos envolvidos por inúmeras expectativas, em função do nosso sexo. A identidade de gênero vai-se delineando, já no útero de nossas mães, a partir de expectativas que são depositadas pelo fato de sermos menino ou menina.

A autora estudiosa da cultura visual e do gênero na infância, Susana Rangel Vieira da Cunha (2010), entende que estes aspectos culturais, mais do que serem produtores dos nossos modos de ver e de agir, estão imbricados em disputas de poder entre grupos sociais. Segundo ela, todos os artefatos culturais direcionados à infância – em azul para meninos e em tons rosados quando são para as meninas: com *minnies*, arabescos, borboletas, laços e flores – não são inofensivos. Inventam uma infância normatizada, elaborando um campo de significações e interdições e induzem visões de mundo. A autora afirma (2010, p. 151):

Os referentes imagéticos Cinderela, Barbies, Branca de Neve e outras representações similares que permeiam a cultura infantil se tornam as matrizes do feminino, interpelando meninas e meninos. Na maioria das vezes, as imagens da cultura popular homogeneízam modos de ser, definem o que as pessoas e as coisas devem ser e, ao defini-las dentro de padrões, as diferenças não são contempladas; ao contrário, são excluídas.

Quando menina parece ser imprescindível que a criança, por exemplo, goste da cor rosa, que use vestido, tenha um temperamento tranquilo, seja delicada, sente-se adequadamente, de preferência com as pernas cruzadas, brinque de casinha e de boneca, sendo submetida, portanto a um treinamento para quando se transformar em uma mulher. Brincar de casinha para saber cuidar de uma casa, brincar de boneca para ser mãe, usar vestido, querer usar maquiagem, pintar a unha e se transformar no que se espera de uma mulher. Sobre isso Lima, Lima e Silva (2016, p. 793) nos esclarecem que:

Isso ocorre porque, tradicionalmente, no modelo patriarcal das famílias é a mulher a responsável pelos fazeres domésticos. E apesar de a mesma conseguir espaço no mercado formal, continua presente a realização dessas tarefas, dificultando assim seu avanço no mercado de trabalho,

já que ela é obrigada a vivenciar uma dupla jornada de trabalho, o que é extremamente estressante e limitante.

Tal modelo patriarcal ainda se faz presente no nosso modo de vida atual, mesmo com tantas conquistas das mulheres ao longo da história, ainda cabe à elas em muitas famílias, tarefas domésticas e de educação dos filhos, necessitando conciliar duas, até mais atividades.

Agora quando se trata de educar meninos, as regras claramente são diferentes. A começar por recreações triviais, como correr, brincar de bola, subir em árvores, usar calça e talvez sem camiseta, se sujar sem correr o risco de parecer estabonado ou errado. Privilégios se instauram na infância, se estendem até a vida adulta e essa constatação sabemos, não é fruto dos tempos modernos.

Acredita-se que em algum momento histórico, “muitos temas conservadores começaram a ser questionadas inicialmente pelos estudos feministas e por meio do conceito de gênero”. (SILVA; COSTA, 2018, p.60). Tornando necessário um esforço advindo, sobretudo das mulheres clamando atenção para este tratamento desigual, percebido por meio da “análise histórica do gênero” que, segundo Silva e Costa (2018, p.60), baseados em Scott (1995), possibilitava um maior aprofundamento na “construção social cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, em meio a relações de poder”.

O termo gênero foi criado então como forma de tentar desconstruir a máxima de que homens e mulheres são diferentes por natureza, esforçando-se para dismantelar as desigualdades sociais em decorrência dessas dessemelhanças naturalizadas na sociedade ao longo dos anos. Contudo, acaba não se limitando somente a masculino e feminino, mas refere-se a várias outras categorias. Como nos esclarece Silva e Costa (2018, p.60) baseados em Piscitelli (2009):

[..] o termo gênero foi assim pensado para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias de masculinidade e feminilidade. Este, parece ter sido o entendimento que mais foi apendido, sobretudo academicamente, no entanto o conceito seguiu sendo reformulado considerando, por exemplo, sua intersecção com outros marcadores como raça, classe, sexualidade, assumindo, inclusive, elementos políticos que melhor fornecessem ferramentas à luta dos sujeitos mulheres e posteriormente de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, transexuais, transgêneros (LGBTs).

Vale sublinhar a quem ler este trabalho ao qual me debruço a escrever, portanto a luta do Feminismo no seu modo geral e principal. Sobre o Feminismo Alves e Pitanguy (1981, p.7-8) dizem que:

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias. O feminismo ressurgiu num momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão que não se limitam ao econômico. Saindo de seu isolamento, rompendo seu silêncio, movimentos negros, de minorias étnicas, ecologistas, homossexuais, se organizam em torno de sua especificidade e se completam na busca da superação das desigualdades sociais. Esta complementação não implica em uma fusão de tais movimentos, que mantém sua autonomia e suas formas próprias de organização. Entretanto, não são movimentos desvinculados entre si, pois as fontes da discriminação não são isoladas. Existem, nesse sentido, conexões significativas entre tais movimentos, que se somam na busca de uma nova sociedade.

Silva (2008) nos traz que o Movimento Feminista despontou em meados do século XVIII e gradativamente se desenvolveu até atingir a denominada “fase adulta”, no século XIX, forte na Europa e Estados Unidos. Surgiu por conta da exclusão de mulheres dos “direitos civis e políticos”. Tal exclusão feminina da cidadania era baseada nas diferenças sexuais, ou seja, por serem anatomicamente diferenciadas do padrão (o masculino), não tinham um tratamento equânime no campo político” (MARTINS; ALCANTARA, 2012, p. 99).

Beck e Guizzo (2003, p. 177) baseadas em Meyer (2007) afirmam que o feminismo é marcado em dois fortes períodos. Um deles é sem dúvida atrelado ao movimento sufragista, que “buscou direitos iguais entre homens e mulheres”, eclodindo na Inglaterra e Estados Unidos, porém teve sua repercussão também no Brasil, onde a pioneira potiguar Nísia Floresta (1810 – 1885), escritora que publicava em grandes jornais da época, ficou marcada, pois ofereceu destaque em uma de suas divulgações, à tradução livre em 1832, de Mary Wollstonecraft. “Direito das mulheres e injustiça dos homens”, constituindo-se como texto fundante do “feminismo brasileiro, justamente por dar voz ao direito das mulheres às instruções e ao trabalho”. (COSTA, 1998 apud SILVA, 2008, p.3)

Complementando o impacto da primeira onda do feminismo no Brasil, Beck e Guizzo (2003, p. 177) esclarecem que o direito ao voto feminino “só fora garantido com a Constituição de 1934, mais de quarenta anos após a Proclamação da República.” E que após essa conquista as mulheres lutaram por outras diversas como “o exercício da docência, as condições de trabalho, a realização do ensino superior, entre outras”.

O século XIX foi quando diversos acontecimentos envolvendo grupos de mulheres que questionavam o lugar que ocupavam na sociedade decorreram ao redor mundo e os mesmos exigiam:

[...] direitos civis, como o acesso à formação superior, ao voto e à participação política. As ativistas vinculadas a essa luta ficaram conhecidas como “sufragistas”, e suas manifestações foram ouvidas no Velho e no Novo Continente. (MENDÉZ, 2005, p. 52).

Beck e Guizzo (2003, p. 177) mencionam que ainda nesse período da primeira onda do feminismo, surgiam também numerosas correntes do movimento, sendo elas:

Correntes consideradas mais burguesas e liberais, lutando pelo direito ao voto; outras de caráter mais político, aliadas aos movimentos sociais, na busca pelo direito à educação; e ainda àquelas de vertente anarquista, na luta pelo direito das mulheres de decidir sobre os destinos dados aos seus corpos e a vivência das suas sexualidades já se encontravam em vigor na pauta dos movimentos feministas, caracterizando-os.

Podemos dizer ainda que o Feminismo é tanto uma teoria que procura “analisar as relações entre o sexo na sociedade, quanto um movimento social, com implicações culturais e políticas, que luta pela superação das desigualdades” (MENDÉZ, 2005, p. 51). Completando tal concepção, Ávila (2005) menciona que o movimento visa a “transformação das relações de gênero, cujo foco de atuação é a luta por liberdade e igualdade para as mulheres, o que o torna um movimento contra a exploração e a dominação às quais estão sujeitas as mulheres” (ÁVILA, 2005, p.49). Medici et al. (2017, p.4) nos esclarecem ainda que:

O feminismo abarca muitas lutas, pois as mulheres são muitas. Diferentes entre si, negras, lésbicas, transexuais, queer, gordas, magras, indígenas...todas sofrem com o machismo estrutural, a misoginia e o sexismo, entretanto, para além dos preconceitos e discriminações que sofrem, há algo que as une: o ser mulher.

Já nas décadas de 60 e 70, a Segunda Onda do Feminismo Silva (2008, p.4) surge “rica em reflexão e investigação acadêmicas sobre a origem das desigualdades sexuais”, visando libertação de todas as posturas de opressão feminina presentes especialmente no sistema patriarcal. “A ênfase dessas análises era a família, a sexualidade, a violência sexual e os direitos do corpo”.

Nesse sentido, segundo Pretto e Lago (2013, p. 59), baseada em Faria (2006), essas publicações acadêmicas colaboraram para que a infância também fosse notada, a primeira infância principalmente, apresentando-a com parte da sociedade e “como constituidora da realidade social, ressaltando a necessidade de sua compreensão na esfera pública”. Expõe também:

[...] a criação de creches como uma conquista do movimento de mulheres, o que oportunizou outros olhares e outras ações dirigidas à crianças pequenas, inserindo –as nas discussões sobre pedagogia e educação, por exemplo, e modificando os “lugares” ocupados por elas na sociedade.

A propósito da segunda onda do feminismo no Brasil, Beck e Guizzo (2003, p. 177) afirmam que “essa vertente eclode com movimentos políticos e sociais de oposição à ditadura militar. Adiante, já nos anos 80, essa vertente polariza-se com os movimentos de redemocratização da sociedade brasileira”.

É praticamente impossível abordar os fundamentos acerca da lógica feminista sem esbarrarmos nos conceitos de emancipação, pois Viana (2010, p. 41) ressalta que seu significado é libertação, “tornar livre”. Portanto, emancipação feminina nada mais é que a libertação da mulher. O autor, tomando como base Fromm (1981), discorre acerca dos conceitos de liberdade por ele adotados e que considero de suma relevância para este trabalho:

A ideia de liberdade pode expressar duas coisas distintas. Erich Fromm, retomando Ernest Bloch, coloca que existe “liberdade de” e “liberdade para” [...] Ele explicita que “liberdade de” é aquela forma de liberdade que significa estar livre de algo (como alguém que se livra da prisão) e “liberdade para expressa a possibilidade de agir no sentido desejado.

Partindo deste pressuposto quanto a percepção de liberdade, podemos referir que para uma mulher ser considerada emancipada é tido como básico que ela se empodere. “Empoderar uma mulher significa fortalecê-la, dar-lhe poder, conscientizá-la de suas capacidades e competências; empoderar duas ou mais mulheres significa desenvolver a igualdade de gêneros em todos os ambientes onde elas sejam minoria”. (MACHADO, 2017, p. 92).

Esse empoderamento envolve o desenvolvimento da “conquista da autonomia e autodeterminação” buscando “destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre nossos corpos e nossas vidas”. (SARDENBERG, 2002, p. 2).

Sardenberg (2002, p.6) nos diz ainda, baseado em Stromquist (2002, 1995, p.232) que é necessário que o empoderamento feminino seja trabalhado em quatro dimensões para alcançar seu êxito. Sendo elas: “cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente)”. E um dos meios de se desenvolver o empoderamento feminino é sem dúvida alguma por meio da educação. Afinal, “a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força”. (BRANDÃO, 1981, p. 11).

A luta do feminismo ainda se faz muito presente nos dias de hoje e não só em manifestações e passeatas, como a Marcha Mundial das Mulheres, que surgiu no Fórum Social Mundial no Canadá em 1995, com um grupo significativo de mulheres indo às ruas protestar contra a pobreza, contra a violência para com a mulher e os danos que o neoliberalismo traz. Sobre isso, Tornquist e Fleischer (2012, p.294) retratam uma entrevista com a diretora do “Marcha Mundial para as Mulheres no Brasil”, Nalu Faria, que afirma:

A ação marcou a retomada das mobilizações das mulheres nas ruas, fazendo uma crítica contundente ao sistema capitalista. Ao seu final, diversas conquistas foram alcançadas, como aumento do salário mínimo, mais direitos para as mulheres imigrantes e apoio à economia solidária.

Aqui penso ser interessante trazer um discurso feito em 2014, pela Organização das Nações Unidas (ONU), de Emma Watson, atriz e embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres. Ela chamou a atenção para a temática da desigualdade de gêneros e logo no início de sua fala enfatizou uma prática recorrente, sobretudo nos dias atuais, ao se falar sobre feminismo: “lutar pelos direitos das mulheres, muitas vezes se tornou sinônimo de repúdio aos homens”.¹ Ela explica que por definição, “feminismo é a crença de que homens e mulheres devem ter direitos e oportunidades iguais. Trata-se da teoria da igualdade política, econômica e social entre os sexos”.

Segundo a atriz, a palavra feminismo tornou-se impopular, que mulheres têm preferido não se identificar como feministas, por se atrelar à ideia de agressão, isolamento e contrariedade aos homens e questiona: como essa palavra se tornou tão desagradável? Nenhum país no mundo possui igualdade de gêneros e ela ainda ressalta sobre sua posição privilegiada comparada à demais mulheres espalhadas pelo mundo, pois os pais não a amaram menos por ter nascido mulher, sua escola não a limitou por ser menina, seus professores não presumiram que ela

¹ Discurso acessível em: <https://youtu.be/gkjW9PZBRfk>

poderia ir menos longe porque poderia dar à luz a uma criança um dia e que as pessoas envolvidas em toda essa trajetória podem não saber e não se intitular desta forma, mas foram embaixadoras da igualdade de gênero. Ela ainda diz que, se mesmo assim, houver malquerença com tal palavra, que não é ela que importa e sim a ideia e a ambição por trás dela, pois ela tem consciência que nem todas as mulheres receberam e recebem os mesmos direitos. Estatisticamente, pouquíssimas assim foram e chama a atenção para que todos entendam que não se trata de uma luta entre dois lados opostos. Este é um ponto ao qual não desdobrarei à respeito neste trabalho, mas considere importante mencionar apenas para elucidar este trecho.

Refletindo então sobre tudo isso e percebendo quão urgente é trazer à tona o esclarecimento da questão do feminismo e fortalecer seu propósito em nossa sociedade, logo surge um dos possíveis caminhos para esse processo discorrer. A educação não formal é uma esfera que possibilita desenvolvimento de atividades, conhecimentos e experiências variadas de maneira distinta das que ocorrem em ambiente escolar, onde acontece o ensino formal, como nos esclarece Fávero (2007). Os conhecimentos que podem ser construídos no contexto da educação não formal são inúmeros. Dentre eles, Gohn (2009, p. 31) destaca:

[...] a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e /ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc. São processos de auto- aprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc.

Gohn (2009, p.31) explica também que essas ações acontecem normalmente fora do território escolar (pois a educação formal por vezes não consegue abranger tantos conhecimentos). Podendo se desenvolver “em organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais”.

A partir do instante em que percebemos o movimento da educação que desvia de regras, protocolos e padrões institucionais, indo para além dos muros da escola, este se torna tão significativo quanto o que dentro dela acontece. O resultado por vezes pode se apresentar mais eficaz e permanente por permitir que se desenvolvam atividades diferenciadas. Podemos

reconhecer sua informalidade como um terreno fértil a semear iniciativas de igualdade, empoderamento, emancipação feminina entre meninos e meninas de diferentes contextos.

A fusão de tais conceitos com a educação não formal e um breve resgate histórico acerca do feminismo se convertem nesse caminho que trilho, num extraordinário instrumento, ao qual toca-se para emitir o som de liberdade e fortaleza de ideias.

4.2 Educação de meninas para quem? Para que?

Historicamente no Brasil, a educação dirigida especificamente às mulheres parece ter se delineado na metade do século XIX, por conta da “institucionalização da escola republicana na Europa”, motivo de fechamento de instituições confessionais e aumento de congregações religiosas (PEROSA, 2006, p. 95). Perdendo espaço na Europa Ocidental, a Igreja Católica então buscou através de criação de escolas privadas e orfanatos, meios de expandir seu patrimônio na América Latina.

Perosa (2006, p.101) afirma que aproximadamente no ano de 1950, “São Paulo apresentava 60 estabelecimentos de ensino católicos instalados nos principais bairros da cidade, com pelo menos um terço dedicado exclusivamente à educação feminina”.

Um deles, o “Colégio Nossa Senhora das Cômegas de Santo Agostinho, fundado em 1907” pelas “Irmãs de Nossa Senhora das Cômegas de Santo Agostinho vindas da Bélgica”. O colégio, localizado na capital de São Paulo em 1907, tendo o regime de internato e semi-internato, buscava atender filhas dos grandes empresários rurais e urbanos da época. “A aquisição do belo palacete correspondia às intenções da ordem de estabelecer como opção de educação católica para meninas das famílias abastadas”. (PEROSA, 2006, p. 96).

Perosa (2006, p.101) baseada nos escritos de Mary Mc Carthy (1957), que foi aluna de uma dessas escolas católicas, nos apresenta que:

[...] no interior dos colégios católicos, no silêncio de seus corredores, uma rede de sociabilidade densa e tensa era tecida entre alunas e na relação com as religiosas. As rivalidades, concorrências e lealdades tomavam forma nesse universo, onde todos controlavam todos: as medalhas ao mérito, ao bom comportamento e à obediência total às regras locais costumavam ser solenemente aplaudidas”. (PEROSA, 2006, p. 101).

Desenvolvia-se e estimava-se nessas instituições para meninas, atividades como bordado, pintura, canto, música e a conduta de “não falar, não cantar e não rir alto, parecer sempre no tom certo e não destoar do conjunto, comportamentos exigidos premiados nas diversas

situações de aprendizagem”. Esse comportamento também era exigido nas aulas em que abordava o:

[...] saber se vestir, saber comer, falar francês, dominar a arte de conversar e as técnicas de controle do corpo que produzem uma aparência de dignidade e nobreza – a boa aparência- qualidades uteis em diversas cerimônias sociais que compõem o estilo de vida neste grupo social. (PEROSA, 2006, p. 102)

Sapaterra (2012, p.48) complementa Perosa (2006) em sua pesquisa quando menciona que a sociedade naquele momento prezava por mulheres que não só soubessem cuidar de uma casa ou dos empregados, mas que soubessem também se comportar em reuniões e para isso, tornava-se necessário ensinar e desenvolver nas meninas os hábitos de “ler, escrever, conversar, conhecer regras de etiqueta, música, pintura e tudo que coubesse a uma dama da sociedade ... uma educação voltada para o social sem que se comprometesse a alma, a moral e a religiosidade.”

Perosa (2006, p. 107) menciona que nessas instituições femininas “o cuidado, o rigor e a obsessão com os uniformes” revela uma maneira dessas instituições fixarem “nas meninas uma atenção especial com a aparência exterior do corpo”.

A autora ainda ao analisar o trabalho realizado por esta escola “para meninas de classe”, diz que tal instituição apresenta visivelmente de que forma:

[...] as mulheres deveriam contribuir para a construção desta classe social e de que maneira o gênero desempenha um papel central na constituição dos grupos sociais. Como colaboradoras das carreiras masculinas, favorecendo-a pelas redes de parentesco e amizade, elas atuavam enobrecendo a atividade econômica do marido, acrescentando uma dimensão estética ao sucesso profissional dele, possível graças a uma formação escolar e familiar. Nesse espaço de educação escolar, os menores rituais do cotidiano, como as refeições ou a aula de história davam lugar ao culto à tradição das grandes famílias. (PEROSA, 2006, p.110- 111)

No que se refere ao saber escolar parece que este não estava em segundo plano, pois a contratação de bons professores e o investimento dessas instituições “na formação prolongada das irmãs e de contar entre os professores homens da escola com autores de livros de suas respectivas disciplinas” era um dos pontos de orgulho da instituição. (PEROSA, 2006, p. 102).

Nos orfanatos o saber escolar também não era diferente dos colégios, pois Pimenta e França (2013, p. 344) ao apresentar o ensino do Orfanato Municipal Antônio Lemos -Belém do Pará, nos descreve que:

[...] as educandas aprendiam as primeiras letras; instrução literária; as prendas domésticas até o bordado e branco; a educação física; e o ensino de música, o quanto fosse necessário para o Coral. Enfim, era prevista

a formação de uma mulher culta, que soubesse ler, escrever, conversar, portar-se perante a sociedade e que fosse capaz de educar seus próprios filhos.

Perosa (2006, p. 111) sustenta que na educação, o ambiente escolar tem grande influência em nossa construção, na forma de nos vermos e nos inserirmos nessa sociedade, quando diz que:

[...] a escola não pode ser desprezada como uma instância de socialização decisiva nos processos de diferenciação social na medida em que contribuem para a interiorização de disposições psicológicas, morais e intelectuais específicas, sobre as quais se estruturam uma determinada maneira de se ver no mundo que orienta os investimentos no espaço de relações sociais.

Percebemos neste curto e singular apanhado histórico, fundamentado nos autores pesquisados, que a educação voltada para mulheres vem há tempos sendo pautada numa linha rígida de regras e costumes indubitavelmente desiguais comparado aos oferecidos aos homens, limitando suas oportunidades e papéis de atuação na sociedade. E educação de qualquer conceito se releva ser importante via de transmissão de conhecimentos. A educação musical aqui aparece como parte da educação das meninas, porém totalmente restrita ao conhecimento das principais obras e reprodução das mesmas, ao invés, por exemplo, de proporcionar meios de estimular criatividade musical às meninas, dar à elas a liberdade artística e tantas outras funções que a música possui.

4.3 MÚSICA E EDUCAÇÃO: Que relação é esta?

Já é sabido que música é um processo inerente às práticas cotidianas da humanidade há mais de 30.000 anos. Danças culturais, ritos e cerimônias de povos antigos surgiram muito antes das artes plásticas, como enuncia Freire (2010) baseado em Wiora (1961).

Uriarte (2004) esclarece que ela “gera conhecimento e tem especial significado porque opera com força total na percepção e na cognição humana”. A educação musical tem o papel de estimular e “desenvolver tanto a capacidade do indivíduo para compreender as relações que possibilitam a expressão, quanto os mecanismos cognitivos presentes no processo de organização sonora”. (URIARTE, 2004, p. 246- 247).

A autora traz neste raciocínio motivos mais que suficientes para a educação musical não apenas ser ofertada em ambiente escolar, para diferentes faixas etárias, mas para sua realização ser garantida através de políticas públicas. Aqui no Brasil, por exemplo, notamos algumas ações

nesse sentido e vou explicitar rapidamente como um breve informativo. Temos a reforma do ensino brasileiro pela Lei 5. 692/71, onde nota-se o movimento de substituição da Educação Musical pela “Educação Artística”. Atribui-se a ela a tarefa de contemplar Linguagens Artística - Plástica, Teatral e Musical. Porém, o que acontece na prática acontece é que, devido à falta de investimento na formação de professores para desenvolver essas “composições artísticas” em seus planejamentos, muitas escolas “voltam-se para uma ou outra dimensão apenas e, quase sempre, a música deixa de ser trabalhada como arte possível de ser vivenciada e experimentada para a transformação e o crescimento individual do educando”. (URIARTE, 2004, p. 247- 248).

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394 de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, passou considerar a música, o teatro, as artes visuais e a dança como áreas do conhecimento, contribuindo muito para a valorização cultural e educacional dessas linguagens.

Sobre o lugar da música na educação de crianças e jovens, a Lei n. 11.769/2008, referente à obrigatoriedade de seu ensino nas escolas, e da lei n. 13.278/2016, que alterou o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, determinando a obrigatoriedade do ensino das quatro linguagens artísticas (artes cênicas, artes visuais, dança e música) no componente curricular de arte, especialmente em suas expressões regionais, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

A música pode ser considerada, portanto um produto social com a intenção de traduzir em letras e melodias, a essência presente entre os indivíduos e em suas práticas e crenças, como também ser um intermédio na inserção de novos costumes, comportamentos sociais, bem como modos de pensar. Um eficiente recurso de comunicação, socialização de ideias e do que ocorre ao nosso redor. Freire (2010, p. 21) quando admite, baseado em Herbert Read (1982), que a música e a sociedade são conceitos inerentes e “que a sociedade em certo sentido, depende da música, que exerce, inquestionavelmente, função/ou funções de natureza social”, nos permite reconhecer que a música é conseqüentemente um “elemento condicionado socialmente e condicionante da sociedade na qual está inserido, num processo de constante interação dialética e recriação permanente” (FREIRE, 2010, p. 21).

Como forma de elucidar tais constatações acerca da poderosa influência que fatores sociais podem exercer sobre quem produz música, considero de suma importância trazer um breve histórico musical no mundo para este trabalho. Dessa maneira, procuro inserir meu caro leitor na cena em que o objeto de minha pesquisa, o Camp de meninas, foi conduzido para ser concebido.

Trago Borges e Paz (2015), que apontam artistas e bandas icônicas na história da música mundial da década de 60, que evidenciavam em suas obras a insatisfação com o rumo pelo qual a sociedade tomara, ao consumismo exacerbado, às desigualdades sociais gritantes e guerras. Quadro este que não difere muito de nossos tempos atuais. Beatles, Bob Dylan, Rolling Stones, The Kinks, The Who, Led Zeppelin, Hendrix, Janis Joplin, Raul Seixas entre diversos outros são exemplos. De acordo com Borges; Paz (2015, p.607), esse descontentamento:

[...] se manifesta em movimentos como hippie (como também, os punks, entre outros que se constituem subsequentemente), que foi uma das primeiras projeções desse olhar antagônico, sinalizando que, por aquele segmento as coisas não seriam viáveis.

Embasado na principalidade de outro universo de significados e valores, com regras próprias e seus pormenores...é que são asseverados movimentos (contraculturais) primários como: Paz e amor, Paradise Now, Desbunde, Desrepressão, Revolução Individual, You are what you Eat, Aqui e agora, É proibido Proibir, Flower Power, Turn in and Drop out [...]

Ocorre também nesse período, o famoso Festival *Woodstock*, nos Estados Unidos, como forma de manifestação dessa contracultura, que inclui o gênero do *rock 'n roll*, pois este acompanha a contracultura nesse período dos anos 1960, em que expõe grandes artistas porta-vozes” desse movimento. É o que nos destaca Sossmeier e Parizotto (2013).

Ainda sobre o *Rock*, Henkin e Rodrigues (2014, p.11) nos diz que ele nasceu:

[...] na década de 50 e tem suas raízes na música negra americana, em especial no Blues. Uma mistura de Country e R&B gerou o ritmo que, com o passar dos anos, originou várias vertentes como o Progressivo, Punk, Hard Rock, Metal, Hardcore, Grunge, Emo, entre outros.

Outro estilo musical influenciador na sociedade foi o *Rap*, nascido do Movimento *Hip Hop*, Matias- Rodrigues e Araújo- Menezes (2014, p. 705) afirmam que:

Movimento Hip Hop tem origem entre as décadas 60 e 70 (do século XX) nos EUA, formado principalmente por jovens negros e latinos...o movimento s tornou uma forma de contestação das desigualdades sociais, principalmente através do Rap. Os jovens puderam, através do Movimento, construir espaços de expressão de sua criatividade e de denúncia de situações de discriminação e segregação.

Martins (2013, p.261) complementa expondo ainda que *Hip Hop* proporciona uma atenção “à população negra, no sentido da constituição da identidade e no crescimento da autoestima do negro-descendente, uma percepção de si mesmo menos estigmatizada” contribuindo para a luta contra o “racismo e à baixa autoestima dos negros das periferias”.

No Brasil, também entre as décadas de 1960 e 1980 houve manifestações e movimentos culturais de contracultura, tendo como foco principal a crítica em relação à instalação da Ditadura Militar. Entre essas manifestações está a linha musical da Bossa Nova nacionalista, caracterizada por transmitir em suas letras a realidade política e social, “o cotidiano de um povo sofrido e discriminado” e um meio de reverter essa realidade, de lutar “pela liberdade não só de expressão, mas como uma forma de tentar um país mais igualitário” diz Saraiva (2013, p.1).

Nesse contexto, em meio à artistas como “Geraldo Vandré, Chico Buarque, Carlos Lira” (SARAIVA, 2013, p.1), temos Nara Leão, como uma jovem cantora representando as mulheres em um período onde poucas da classe alta tocavam violão e em que o músico era estereotipado como “vagabundo” (SARAIVA, 2013, p. 3). “Nara se tornou um grande referencial contra a ditadura em suas músicas, falas e interpretação” (SARAIVA, 2013, p.5) após seu LP denominado “Opinião de Nara”, lançado depois do golpe militar de 1964 e, devido às suas expressões contrárias à política vigente, “ficou durante muito tempo estigmatizada como cantora de protesto” (SARAIVA, 2013, p.6). Nara também abriu portas para vários outros artistas como Chico Buarque e Sidney Miller, ao gravar suas composições. Dividiu palco com Fagner e apresentou Maria Bethânia para o universo musical. “Ser gravado por Nara era um passaporte para o Olimpo da Música Popular Brasileira”, nos apresenta Saraiva (2013, p.6) baseado em Mello (2003:133).

Posteriormente, o Tropicalismo ou movimento Tropicália, no qual Nara contribuiu para sua repercussão, foi incorporado aos movimentos de contracultura. O Tropicalismo proporcionou à sociedade, artistas como:

Tom Zé, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, Os mutantes, Torquato Neto, Chico Buarque entre outros, os quais que possuíam importância ímpar naquele contexto social e que possuem, até os dias atuais, principalmente em razão de sua unicidade artística, e da profunda mudança idealística que operaram no íntimo do pensamento músico-brasileiro. (BORGES; PAZ, 2015, p.615-616.)

Borges e Paz (2015, p. 619) nos dizem ainda que “Os tropicalistas foram os primeiros a fazer experiências com guitarras fortemente amplificadas e distorcidas, características do rock ácido e psicodélico”, originando posteriormente os grupos Novos Baianos e Secos e molhados. Como complementa Santos (2009, p. 496):

A música de Vandré *Para não dizer que não falei das flores* tornou-se o hino das passeatas do movimento estudantil; outras como *Aquele abraço* de Gil e *Soy loco por ti América* cantada por Caetano, falavam do exílio e do guerrilheiro Che Guevara. Estes artistas continuaram influenciando os jovens na geração seguinte, principalmente o movimento Tropicalista de Gil, Caetano e Chico. Outros artistas também se destacaram como Os Mutantes, Secos e Molhados, Elis Regina e Raul Seixas.

Santos (2009, p. 500), nos diz ainda que mundialmente nos anos 1970, o *rock* cedeu lugar ao Movimento *Punk*, tendo a banda *Sex Pistols* como maior representante e no *Reggae* Jamaicano, Bob Marley.

Estes dois movimentos foram responsáveis por criar um ambiente crítico dentro da música. O *Reggae* trazia em suas letras reflexões sobre o terceiro mundo, a pobreza, a exploração. No entanto, o Movimento *Punk* era o espírito da época que correspondia ao desemprego e à onda terrorista na Europa” (BRANDÃO; DUARTE, 1990, P. 82). O Movimento *Punk* promoveu uma revolução nas roupas e nas atitudes com suas posições anarquistas, refletindo também o clima desesperançoso e conservador nos 70/80.

4.3 GIRLS ROCK CAMP: música para a emancipação feminina

Chego, por fim, ao motivo de meu desassossego, aquele que me proporcionou viajar no mundo da pesquisa e resultou no delineamento deste trabalho. Todo este apanhado histórico musical do tópico anterior, somado ao que venho demonstrando até então no discorrer destas linhas, se fez pertinente justamente para contextualizar as circunstâncias em que surge o *camp* e sua missão para com a sociedade.

Sendo a emancipação feminina um fato que se manteve presente na sociedade desde seu surgimento e que é uma das bandeiras do *Girls Rock Camp*, este não se manteve à margem das dinâmicas musicais que mostramos por aqui.

E dando continuidade ao movimento *punk*, que mesmo possuindo artistas como “Debbie Harry, Chrissie Hynde, Joan Jett, entre outras” (NUNES; VAZ, 2015, p.7), assim como o *rock*, este é predominantemente composto por homens. A participação das mulheres sempre estivera relacionada, em sua maior parte, como consumidoras e não produtoras de músicas, nos diz Nunes e Vaz (2015).

Segnini (2014, p. 80) confirma isso em sua pesquisa, na qual diz que:

É expressiva a participação dos homens no campo da música. Essa evidência pouco se altera nos anos 2000: em 2003, eles representavam 87% (112.367) do grupo (129.418); em 2001, 85% (108.127) de um total de 127.972 ocupados que se declaravam músicos intérpretes ou regentes, compositores, arranjadores e musicólogos. O discreto crescimento da participação das mulheres no período é traduzido ...com oscilações. Não é possível assegurar, assim, que a participação das mulheres nesse campo artístico seja uma conquista perene, consolidada.

Foi no intuito de transformar essa situação, que surgiu nos anos 1990, o denominado movimento *Riot Grrrl*, integrado por mulheres feministas que “utilizam da música como maior expressão e comunicação de suas causas”. (RIBEIRO et al., 2012, p.227).

Ao rejeitar estilos e formatos maistream, que representariam a adequação a um modelo comercial de feminilidade, as riot girrrls criaram redes de relacionamento que reforçavam a crítica ao padrão de uma cultura jovem branca e de classe média que haviam herdado. Além disso, criticavam as limitações de comportamento impostas pelo patriarcado ao seu direito de ocupação do espaço público, de uso do corpo, de fazer rock. O próprio termo riot girrrl passou a se relacionar tanto com ao estilo musical, agressivo...quanto ao discurso político feminista, sendo resgatado nas décadas posteriores pela militância ciberfeminista. (NUNES; VAZ, 2015, p.7).

As primeiras bandas representando esse movimento no Brasil foram a Dominatrix, fundada em 1995, da cidade de São Paulo e a Bulimia, nascida em 1998, na cidade de Brasília. Logo, o movimento foi se desenvolvendo “por meio de festivais e do incentivo a que outras garotas tocassem, a cena foi se expandindo” (FACCHINI, 2011, p. 124).

Diante deste efêmero quadro histórico, podemos constatar que a iniciativa por de trás do *Girls Rock Camp*, advindo do movimento *Riot Girrrl*, busca desenvolver a emancipação feminina por meio da música. Gelain e Amaral (2017), por meio de um encontro com a diretora e idealizadora do *Girls Rock Camp* Brasil, Flávia Biggs, alegam que o primeiro *Girls Rock Camp* surgiu no ano de 2001, em Portland, Oregon (EUA), com estudantes da Universidade Estadual da cidade que criaram um acampamento de verão de nome “*Rock ‘n Roll Camp for Girls*” exclusivo para meninas. Gelain e Amaral (2017, p.12) afirmam:

[...] é um acampamento diurno que tem como objetivo reunir garotas interessadas em aprender a tocar instrumentos e mulheres animadas para ensinar, ou seja, é uma rede feminina...durante uma semana, as garotas aprendem a tocar o instrumento que desejam, participam de oficinas de fanzines, autodefesa feminina, discussões sobre feminismo, e, ao final da semana, têm que se apresentar com sua banda e mostrar uma música autoral.

Uma organização sem fins lucrativos que basicamente buscava através de diversas atividades e oficinas, promover a edificação da autoestima das meninas por meio da música. Em uma atmosfera de incentivo ao desenvolvimento de habilidades e mudanças sociais, procurava basicamente o empoderamento, solidariedade, autoconfiança das mesmas, ainda de acordo com Gelain e Amaral (2017, p.12) “o *Girls Rock Camp* tenta fazer com que o mundo do rock, mais as questões de gênero, sejam integrados e que, ao mesmo tempo, apontem estratégias positivas para aumentar a autoestima de garotas”.

Pioneiro na área, o projeto acabou por inspirar outras iniciativas mundo afora e com o passar do tempo, uma conferência entre membros se fez pertinente. Com o intuito de unificar

as atividades desenvolvidas e promover a troca de vivências e aprendizados adquiridos entre os promotores do projeto, o *Girls Rock Camp*, nome que hoje define esse trabalho, foi se esboçando. São mais de 50 acampamentos espalhados mundo afora (criando o *Girls Rock Camp Alliance*) e diversas edições pelos EUA, Europa e América Latina, que teve sua primeira edição acontecendo no Brasil, na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo no ano de 2013.

Gelain e Amaral (2017, p.11) mencionam que ele é realizado por “voluntárias do Brasil todo, geralmente mulheres envolvidas de algum modo com a cena *Riot Grrrl* e com o movimento feminista no país”. Entre elas está Flávia Biggs, que é musicista, ativista feminista e socióloga. Flávia fundou o *Girls Rock Camp* em Sorocaba após sua vivência no acampamento *Lady Fest*, ocorrido na Holanda e ter colaborado no *Rock 'n Roll Camp For Girls*, nos EUA, por três anos consecutivos. Gelain e Amaral (2017, p.11) nos diz que:

[...] a ativista começou a fazer a Oficina de guitarra para Meninas em Sorocaba. Após três anos, quando viu que outras amigas estavam organizando algo que lembrava o que aprendeu no acampamento norte-americano, iniciou um chamamento geral, como fala, para realizar o acampamento no Brasil.

Participam do *Girls Rock Camp* meninas com idades entre sete a dezessete anos. Elas são inscritas pelos pais ou responsáveis, que pagam uma taxa no valor de R\$ 200,00 reais, garantindo à elas, durante sete dias, um primeiro contato, conhecimento, aprendizado primário e raso (devido ao curto período do *camp*) com um instrumento de sua escolha. Podendo ser ele guitarra, baixo, teclado, bateria ou canto. Elas também montam uma banda e compõem uma canção. Ao final dessa experiência, elas se apresentam num palco, ao vivo, para familiares, amigos e os demais presentes.

Nesse sentido, Gelain e Amaral (2017, p.12) relatam também existir o *Ladies Rock Camp* na cidade de Sorocaba, este “voltado às mulheres adultas terem uma experiência de empoderamento feminino através da música”.

Assim sendo, o trabalho desenvolvido pela rede de mulheres envolvidas no projeto *Girls Rock Camp* é facilmente identificado como um campo fértil da educação não formal. Pois reúne todos os requisitos que mencionamos neste trabalho para proporcionar a prática da transformação social, seguindo o caminho da igualdade, respeito e fortalecimento da autoestima de meninas. Atua como um processo de aprendizagem angariada de forma coletiva, partindo da vivência nas ações organizadas pelo projeto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos verificar que o acampamento para meninas *Girls Rock Camp* desperta, por meio da aprendizagem de um instrumento, de composição musical, de prática de banda, autodefesa e produção de fanzines, o empoderamento, autoestima e apoio entre as meninas, tanto que algumas retornam a fazer o acampamento, buscando aprender outro instrumento e ter novamente essa experiência, como apresenta o documentário “Todas as Meninas Reunidas, Vamos Lá”, lançado dia 21 de dezembro de 2017, em que exibe depoimentos das fundadoras, voluntárias e das crianças e adolescentes participantes do acampamento.

Ao entrevistar uma das colaboradoras do *Girls*, Betty (Rio Grande do Sul), Gelain e Amaral (2017, p. 12-13) apresentam a fala sobre a transformação pessoal desta e das meninas que participam: “E a gente vai empoderando uma a outra, [...] é uma mudança bem profunda né, não só se restringe a quem toca ou quem ouve a música, a um meio...ela acontece profundamente na pessoa”. Sobre essa transformação, Paula (2015, p. 12), em uma entrevista com a organizadora do acampamento Flávia Biggs, a entrevistada também afirma essa transformação durante o acampamento:

[...] a maioria tímida e sem saber tocar nenhum instrumento, você sente a diferença durante a semana mesmo, antes do acampamento acabar...E no decorrer do processo, as meninas mudam, elas passam a acreditar mais em si. É uma experiência empoderadora que elas levarão para o resto da vida.

A pesquisa possibilitou uma reflexão sobre os paradigmas sexistas que permeiam a sociedade, bem como o modo como esta os reproduz. Na instituição escolar não é diferente, a problematização das questões que contemplam as especificidades femininas parece ser fundamental para que consigamos oportunizar às próximas gerações, maior empatia, respeito, reflexão e igualdade. Concordo com Faria (2016, p. 59), quando diz que “é importante uma educação que vise equidade, com a ideia de que ambos os sexos merecem direitos iguais” e para isso nos aponta a escola, sendo um dos meios de transformação da sociedade, a se iniciar pela Educação Infantil. De acordo com Faria (2016, p. 60):

Tendo em vista o fato de gênero ser algo construído socialmente, podemos imaginar formas diferentes de “ser homem” e “ser mulher. Educadores devem questionar e colaborar na construção dessas novas maneiras de “ser” na sociedade. Mesmo não tendo todo o poder da mudança, a escola tem o compromisso de incitar a reflexão, pensando em desconstruções de relações hierarquizadas.

Silva e Costa (2018, p. 1) também afirmam essa ideia de Faria (2016) apresentando que é no momento da infância que ocorrem:

[...] os primeiros questionamentos sobre gênero, sexualidade e os modos de cada um/a ser e estar no mundo. As dúvidas, curiosidades, anseios sobre essas temáticas estão presentes nos diversos ambientes em que a criança circula, um deles é o escolar [...] é também diante da cultura escolar estabelecida e das vivências coletivas e individuais experimentadas durante o período de escolarização, que as identidades são forjadas e abastecidas nos modos de pensar, agir, sentir o mundo e as coisas ao seu redor. Ou seja, esta instituição atua como instância subjetivadora, interpelando os sujeitos e promovendo a construção de significados.

Silva e Costa (2018, p. 56) reforçam essa ideia quando afirmam ser necessário conhecer de que maneira:

[...] a escola produz significados sobre gênero junto às crianças, visto que em vários espaços pelos quais transitam, os sujeitos apreendem o que é feminino, ou masculino, de forma rígida através de preceitos historicamente imbuídos de aspectos machistas e sexistas incidindo sobre a construção das identidades de gênero e sendo repassados como valores pela educação familiar e/ ou escolar.

Diante do que foi apresentado neste trabalho, considero a importância de desenvolver o empoderamento infantil, desconstruir o sexismo e o machismo desde a infância, tanto em meninas para que se sintam capazes, livres, destemidas e respeitadas, quanto em meninos, para que respeitem, admirem e vejam as meninas como parceiras, assim como veem seus amigos.

Para que seja possível quebrar a reprodução de preconceitos e desrespeito para com as meninas, construindo uma sociedade de iguais, trabalhos como os que são desenvolvidos no acampamento para meninas *Girls Rock Camp*, contribuem com formas consistentes de complementar e fortalecer a pauta da cultura feminista dentro de uma sociedade pelo viés da educação não formal, que foi outro ponto em que me debrucei a escrever algumas palavras. O quanto o processo de ensino-aprendizagem possibilita conhecimento, viabiliza transformação, se torna potência quando somado à educação escolar. Ainda se utilizando da música como ferramenta, como fio condutor que é fruto de uma sociedade em constante movimento e exerce funções para que ela se reinvente de tempos em tempos, em suas diferentes estâncias. importante de legitimando ainda mais uma autoestima e segurança nas meninas para estarem no mundo como participantes ativas, críticas, autônomas, seguras e felizes.

Ao final deste trabalho, relembro as palavras de uma grande amiga direcionadas à mim, “professora cantante, artista mulher”, que assim me identifiquei escrevendo-o: “Nunca se esqueça que quando está no palco, jamais deixa de ser educadora! Pois educa pela representatividade, pelo afeto, pelo poder da sua voz de tocar os corações! Nunca se esqueça que quando está na sala de aula, jamais precisará parar de cantar, pois a música chega a lugares que giz, lousa ou cadernos e livros jamais sonharam em chegar”.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALVES, Branca, M.; Pitanguy, Jaqueline. **O que é Feminismo**. Rio de Janeiro: Brasiliense; 1981.

ARAÚJO, Jair Araújo de; MONASTÉRIOS, Sylvia. Educação, feminismo e contracultura: O pensamento de Betty Friedan. **Saber Acadêmico**, Presidente Prudente, v. 12, p.49-53, jun. 2011. Semestral. Disponível em: <<http://www.uniesp.provisorio.ws/revista/revista12/pdf/artigos/10.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

ÁVILA, Maria Betânia. Feminismo e sujeito político. In: SILVA, Carmem et al. **Mulher e Trabalho**. Recife: Sos Corpo- Instituto Feminista Para A Democracia, 2005. p. 49-57. Disponível em: <http://209.177.156.169/libreria_cm/archivos/pdf_952.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos culturais e estudos de gênero: Proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. **Holos**, Natal, v. 4, n. 29, p.172-182, set. 2013. 8. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1597/714>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

BORGES, Igor Alexandre Barcelos Graciano; PAZ, Ravel Giordano de Lima Faria. As raízes contraculturais no rock and roll e na MPB. **Philologus: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, Rio de Janeiro, p.604-621, set-dez. 2015. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/043.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

BRANDÃO, A. C. DUARTE, M. F. **Movimentos Culturais da Juventude**- São Paulo: Moderna, 1990.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FACCHINI, Regina. "Não faz mal pensar que não se está só: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 36, p.117-153, jan. 2011. Semestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 05 nov. 2018. FÁVERO, Osmar. Educação não-formal: Contextos, percursos e sujeitos. **Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação**, Campinas, v. 28, n. 99, p.614-617, mai/ ago. 2007. Trimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a17v2899.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

FARIA, Julia Santos de. **Questões de gênero na Educação Infantil: Masculinidades de feminilidades a partir das vozes das crianças**. 2016. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Ciências Humanas e Educação, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2016.

FONSECA, J.J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <<http://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/716/1/Metodologia%20da%20Pesquisa%20Cientifica.pdf>>. Acesso em: 31 set. 2018.

FREIRE, Vanda Bellard. **Música e Sociedade: Uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao Ensino Superior de Música**. 2. ed. Florianópolis: Associação Brasileira de Educação Musical, 2010. 302 p. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31374302/Tese.Vanda_Freire.Musica_e_sociedade.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1511189768&Signature=dkp+X5AhQ54RhjG8ruhF+Rz+g80=&response-content-disposition=inline;filename=Musica_e_Sociedade_-_uma_perspectiva_his.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.

GELAIN, Gabriela; AMARAL, Adriana. Girls Rock Camps no Brasil: continuidade subcultural e presença Riot Grrrl. **Is Working Papers**, Porto, v. 58, n. 3, p.1-23, ago. 2017. Disponível em: <http://pisociologia.up.pt/sites/default/files/working-papers/WP_58.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Organizadores. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 24 set. 2018.

HENKIN, Rosana Monti; RORIGUES, Marlon Leal. O discurso feminista nos estilos Rock, MPB e Funk. **Web Revista Linguística e Linguagem**, Campo Grande, n. 23, p.1-20, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/23/Arquivos/henkin.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

LIMA, Ana Carmem de Oliveira; LIMA, Rayane Silva; SILVA, Jânia Maria Augusta da. Gênero feminino, contexto histórico e segurança alimentar. **Demetra**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.789-802, jul. 2016. Trimestral. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/22511/18426>>. Acesso em: 08 out. 2018.

MACHADO, Alleid Ribeiro. Formas de representação feminina nos teen chick lits: um estudo em torno d'O diário da princesa. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 14, n. 39, p.90-110, jan. 2017. Quadrimestral. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/0000-0001-9359-532X/pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação/ Bruno Taranto Malheiros**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARTINS, Mirian Teresa de Sá Leitão; ALCANTARA, Karolyne Romero de. Mudanças da condição feminina na atualidade: revisitando a história do feminismo. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 14, p.98-110, ago. 2012. Semestral. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14293/8168>>. Acesso em: 05 nov. 2018

MEDICI, J. et al. **O Futuro é Feminino: o Empoderamento Feminino por Meio da Música.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais.** Curitiba: Intercom, 2017. 13 p. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2270-1.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2017.

NUNES, Maria; VAZ, Otacílio. DIY: a cultura underground do “Faça você mesmo” na sociedade em rede. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO ROCK, II. 2015, Cascavel, Anais...Cascavel: UNIOESTE, Colegiado de Pedagogia, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015. II p. 1-9. Disponível em: <https://studylibpt.com/doc/1441084/1-diy--a-cultura-underground-do-%E2%80%9Cfa-voc%C3%A7a-voc%C3%AA-mesmo> Acesso em: 13 nov. 2017.

PAULA, Fabiana de. **Mulheres no rock: por que ainda somos tão poucas?** 2015. 15 f. Dissertação (Dissertação em Mídia, Informação e Cultura) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 15 p. 2015. Disponível em: <http://paineira.usp.br/celacc/?q=pt-br/celacc-tcc/775/detalhe> Acesso em: 02 out. 2017.

PEROSA, Graziela Serroni. A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p.87-111, jan. 2006. Quadrimestral. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644724>>. Acesso em: 20 out. 2018.

PIMENTA, Adriene Suellen Ferreira; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza. Educação de meninas órfãs na concepção do intendente Antônio Lemos em Belém do Pará (1900-1906). **Histedbr**, Campinas, v. 13, n. 49, p.334-349, mar. 2013. Trimestral. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640336>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

PRETTO, Zuleica; LAGO, Mara C. de S. REFLEXÕES SOBRE INFÂNCIA E GÊNERO A PARTIR DE PUBLICAÇÕES FEMINISTAS BRASILEIRAS. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p.56-71, jan. 2013. Semestral. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/16638>>. Acesso em: 10 ago. 2018

RODRIGUES, Maria Natália Matias-; ARAÚJO-MENEZES, Jaileila de. Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do movimento Hip Hop. **Revista Latino Americana de Ciências Sociais: Niñez y Juventud**, Manizales, v. 12, n. 2, p.703-715, 2014. Semestral. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rllcs/v12n2/v12n2a14.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2018.

SAPATERRA, Ana Paula. Colégios Católicos Femininos: A educação no colégio Nossa Senhora do Patrocínio. **Verbum: Cadernos de Pós-Graduação**, Perdizes, v. 1, n. 1, p.48-65, jan. 2012. Quadrimestral. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/8025>>. Acesso em: 20 out. 2018

SARAIVA, D. L. “Opinião de Nara” O Nacional e o Popular na obra da intérprete Nara Leão. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVII, 2013, Natal. Anais. Natal: ANPUH. 2013.9 p. Disponível em: <

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371242073_ARQUIVO_Anpuh2013DanielSaraiva.pdf Acesso em: 23 out. 2017.

SARDENBERG, Cecília M. B.. Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista. **Repositório Institucional**, Salvador, p.1-12, 2 out. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando_Empoderamento_na_Perspectiva_Feminista.pdf>. Acesso em: 28 out. 2017.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Prilli. O músico e seu trabalho: diferenças de gênero e raça. **Tempo Social**. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 75-86, jan./jun.2014.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702014000100006&script=sci_arttext>
Acesso em: 26 set. 2018

SILVA, Elizabete Rodrigues da. Feminismo Radical: Pensamento e movimento. **Travessia: Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Artes**, Cascavel, v. 2, n. 3, p.1-15, 2008. Quadrimestral. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/3107/2445>>. Acesso em: 28 out. 2017.

SILVA, Melanie Laura Mariano da Penha; COSTA, Maria Aparecida Tenório Salvador da. Discussões de gênero e feminilidades na escola contemporânea. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p.55-72, maio 2018. Quadrimestral. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2018v15n2p55>>.
Acesso em: 23 out. 2018

SOSSMEIER, L. C.; PARIZOTTO, L. C. . Anos 60, o avanço da contracultura e a influência do Rock no Movimento Hippie. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO ROCK, I., 2013, Cascavel. **Anais Cascavel: UNIOESTE**, 2013. 10 p. Disponível em: http://www.congressodorock.com.br/evento/anais/2013/artigos/5/artigo_simposio_6_390_luana.sossmeier@hotmail.com.pdf Acesso em:28 out.17

TODAS as meninas reunidas, vamos lá. Direção: Carol Fernandes. Produção Amora Filmes/ Paris Entretenimento Sororcaba, 2017. (80 min).

TORNQUIST, Carmen Susana; FLEISCHER, Soraya Resende. Sobre a Marcha Mundial das Mulheres: entrevista com Nalu Faria. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p.291-312, jan. 2012. Quadrimestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000100016/21948>>. Acesso em: 06 set. 2018.

URIARTE, Mônica Zewe. Música e escola: um diálogo com a diversidade. **Educar**, Curitiba, v. 20, n. 24, p.245-258, jun. 2004. Semestral. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2218/1861>>. Acesso em: 11 abr. 2018.